

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes

REDACTORES

Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 6

Maio - Junho de 1931

N. 5 e 6

“Não é apenas escandaloso, é imoral”

A lavoura queixa-se amargamente, e com razão, da protecção aduaneira escandalosa, á cuja sombra vive toda uma industria artificial.

Por sua vez a industria alega que a agricultura, entre nós, tambem precisa da protecção alfandegaria.

O açúcar nacional, por exemplo, seria desbancado facilmente pelo de Cuba, se não fôra a ajuda que lhe traz a barreira posta á entrada do açúcar estrangeiro.

Mas esta queixa não procede. E então é um verdadeiro circulo vicioso que se estabelece. A lavoura para viver precisa de ser protegida por fortes tarifas alfandegarias. Mas a lavoura está nesta situação, exactamente, por causa de uma industria artificial que a suga e prejudica.

O proprio instrumento de trabalho do agricultor, no Brasil, é cem vezes encarecido por esse protecçionismo deshonesto. Alem disso todos os objetos de uso do trabalhador brasileiro são onerados cem, duzentas, quinhentas vezes, para que ele possa *orgulhar-se* (diabo leve a esse orgulho) de labutar e viver no meio de produtos “nacionais”, embora não possam ser genuinamente brasileiros...

E assim, encarecida sua vida, onerada sua produção, a

única saída é “defender” também, o produto da agricultura, de uma livre concorrência benfazeja.

*
* *

Mas não devia ser assim. Para não haver essa queixa mútua, é só aceitar as razões de um dos queixosos, e deixar a sua própria sorte essa pequena classe de parasitas da nossa economia, do nosso trabalho, acabando-se de vez com toda sorte de proteccionismos. Entregue-se a indústria, falsamente nacional, á livre competência, e veremos o custo da vida baixar, e com ele o custo da produção da lavoura. Consequentemente poderemos levar aos mercados internacionais, em condições mais vantajosas, todos os nossos productos de exportação desde o café, ás frutas, ao algodão, aos cereais, ao babassú, á cera de carnauba, ao mate, aos productos pecuarios.

Isso, sabe-se, é cousa de convicção geral. Mas embargando os passos dessa medida ultra-patriótica, ha a poderosa minoria dos argentarios, donos do nosso famoso (famoso pelo ridiculo) “parque industrial”.

*
* *

Essa campanha, publicamente aberta por dois jornais de S. Paulo — “Folha da Manhã” e “Folha da Noite” — é de vida ou de morte para a nossa lavoura. E é extranhavel que, em torno dela, só se tenha feito, até aqui, o aplauso silencioso com os proprios botões do pijame. Fóra, em campo, não vemos si não, esporadicamente, uma ou outra pena a escarpelar essa grande, enormissima mazela da economia brasileira.

*
* *

Provado está, com numeros que não mentem, que as tarifas altas do nosso proteccionismo aduaneiro, envez de trazer um aumento de rendas para o Tezouro, tem provocado ao contrario, um decrescimo snesivel e ameaçador.

O que se pretende então? Muito simplesmente “amparar uma industria ficticia e anti-economica — como muito bem afirmou um editorial da “Folha da Manhã”, outro dia — ainda que á custa da riqueza publica e da riqueza particular. E isso, francamente, não é apenas escandaloso: é imoral”.

J o ã o A n d r é A n t o n i l